

CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO II

ASSIGNATURAS:
Por mez 500
Pagamento adiantado

Publicação semanal
STA. CATHARINA—Desterro, 6 de Agosto de 1888

Escriptorio da Redacção,
á rua do Senado
N. 17

N. 16

Lazzarone

AO DISTINCTO LITTERATO CARLOS DE FARIA

O pobre «carcamano» tirava de seu violino, ennegrecido pelo tempo e emporcalhado pelas mãos sujas, umas melodias dulcíssimas que derramavam-se pela atmosphera clara.

Ha muito que abandonára a patria, a Italia; só em sonhos via aquelle céo azul e as aguas mansas do golpho napolitano. Soffria da nostalgia dolorosa que aguilhoa todo aquelle que, tendo alma sentimental e poetica, é obrigado a deixar a terra onde nasceu, onde brincou, principalmente quando essa terra é a Italia, com suas laranjeiras cobertas de fructos d'ouro e o Vesuvio, como um facho enorme, a allumiar as noutes constelladas.

Uma grande tristeza inundava o coração do moço italiano e cada nota que sahia das cordas ensebadas de seu instrumento vinha repassada de um sentimentalismo doce e era uma pagina da historia de sua vida de artista.

Costumava vel-o nas esquinas a tocar umas musicas muito suspirosas, muito doloridas, com os grandes olhos perdidos na nesga do céo que se póde ver das ruas estreitas de nossa cidade, com o systema nervoso em uma vibrabilidade suprema, as mãos tremulas pela nevrose da arte, em verdadeiro extase sublime, que operava uma metamorphose divina no misero esfarrapado.

Quando assim eu o via, sentia uma melancholia agradabilissima infiltrar-se-me como um licôr, por todos os póros, parecia-me que participava do entusiasmo artistico do «lazzarone». Infelizmente poucos o comprehendiam.

Quando a ultima nota perdia-se nas alturas, depois de ter-se quebrado d'encontro as paredes alvacentas dos grandes predios, quando o artista arquejante, fatigado pelo esforço immenso de todo seu organismo, estendia as mãos supplices aos transeuntes, raros eram os que sabiam lêr na expressão angustiosa de seus olhos as amarguras infinitas de sua alma.

Quando vejo estes tristes exilados, aves arribadas que vivem pelas nossas ruas tocando, cantando, para minorarem seus grandes soffrimentos, tenho muita pena d'elles, porque sinto que, longe de minha terra, sob um outro céo menos azul, não podendo passeiãr todos os dias a vista sobre a vegetação mascúla e exuberante dos tropicos, morreria de saudades.

ALICE DE ALENCAR.

Rio—20—7—88.

Scena d'amor

AO SR. PEDRO BAPTISTA

Morria o sol.

As sombras crepusculares rendilhavam-se na altura.

Gorgeiavam passaros nas florestas.

As arvores, fartas de seiva, tinham agitações tremulas na folhagem.

Borboletas cambiantes rompiam o ar vespertino e doce como alados sonhos de phantasia.

O nordeste fustigava subtilmente as coróllas dos lyrios edas açucenas:

A Natureza, emfim, era um vasto templo aberto á profunda adoração dos espiritos observadores, predestinados.

Os pulmões abriam as células para beberem a atmosphera fresca e tranquilla do adormecer do dia.

O coração resfolegava perfumes suavissimos; a alma rasgava a amplidão azul como um pequeno e invisível passaro de azas brancas doiradas pela luz moribunda do sol poente!

II

Uma formosissima mulher de dezeses annos, acompanhada de pessoas intimas, seres de familia, vibrou um olhar mysterioso e eloquente sobre um rapaz que parecia estar na bellissima idade dos vinte e dois annos.

Ella avermelhou...

Elle estremeceu.

D'ahi começou o duello de amor.

A vida para ambos corria serena e

enflorecida no elegante batel da Esperança em torno aos mares do Destino.

Nunca um ponto negro avistou-se no céo d'aquellas duas almas.

E assim iam os dous pombos de amor pela existencia a fóra entre canções felizes e sonhos ditosos.

III

Um dia o abutre da fatalidade abriu as azas sombrias e poisou sobre o ninho invejavel e querido d'aquelles dois corações radiosos.

O prologo d'esse sublime drama de amor foi deslumbrante.

O epilogo tempestuoso.

Outro illudira aquella visão corporea.

O seu primeiro amor vinha de uma alma de poeta.

O segundo era simplesmente um amor vulgar.

No entanto ella, a rola dos sonhos ideaes da Poesia, deixou-se levar pelos illusorios galanteios do segundo, e abandonou o primeiro, como se abandona um fructo esteril, um myosotis que perdeu as petalas.

Contraste!

IV

Se todas as mulheres soubessem comprehender a esthetica do coração humano, certamente que não fluctuariam nas ondas da vida tantos amores fallazes, tantos sentimentos phantasticos.

Por isso entendo que a educação da mulher ainda não está completa.

EDUQUE-SE A MULHER, É SALVO O MUNDO, como disse um poeta.

V

Esta SCENA D'AMOR não foi unicamente uma scena ideal, um factio imaginario; foi uma realidade.

Portanto que sirva ella de exemplo para os inexperientes.

Na primavera, quando as aves cantam e as violetas desabrocham; quando as brisas da tarde têm sons de cytharas pelas quebradas entre-concavas das serranias; quando o crepusculo entreabre o seu livro de purpura doirada,—mui-

tas vezes nuvens tetricas encobrem o purissimo do céo !

Assim é a humanidade.
Assim é o coração da mulher...

CARLOS DE FARIA.

Laguna, Janeiro de 88.

(Dos Rosiclères.)

Troca de par

(N'UM BAILE)

Ostentavas, lembra-me bem, n'aquella noite de festa deslumbrante, um riso que ora parecia-me attractivo, ora maldade. Mesmo o teu semblante, embora procurasses conter a calma e a doçura que sempre o enfloram, puramente, não se assentava perfeito nas variegadas côres com que tu o caracterisavas.

Estavas mudada !

Não sei porque fugias quando os meus olhos procuravam os teus de um azul celeste illuminados, quando toda a minh'alma se enternecia por vêr a tua imagem esplendida e moça, mais desejada, mais applaudida do que a da spartana Helena, no circulo de Troya.

Não sei !

Fugias, fugias sempre, e com tal precipitação que o teu vestido de sêda côr de creme, — tão artisticamente costurado, deixou preso aos pés da minha cadeira uma renda do seu babado !

Guardei-a, sabes, guardei-a, como um presente funesto d'aquelle esplendido baile.

Não era bem que a deixasse rolando pelos meus pés !...

Guardei-a.

Tomaste outra sala, outra com mais

luxo e gosto ornamentada, com mais luzes e flôres !

Estavas offegante, e de tal fôrma preocupada que não notaste a falta da renda no babado do vestido.

Chegou-se logo a ti um mancebo, joven militar, e convidou-te para a primeira walsa. Dêste-lhe o braço. Sorriram-te os labios de infernal orgulho construidos. Estavas satisfeita ouvindo os amigos e conhecidos do teu par, acclamal-o — Doutor — !...

Era um Doutor ! !...

— A' walsa ! gritou o mestre-sala. A musica desembuxou.

Neste instante eu acabava de chegar á porta da sala. Davas a mão enluvada e fina ao tal sujeito, e a davas sem disfarce e publicamente.

Encarei então para o teu novo par, o Doutor: — achei-lhe a physionomia bondosa, alegre e os dentes alvissimos; mas... notei tambem que para walsar contigo faltava-lhe certo geitinho que melhor encobrisse o ARROZ DE COCHÁ que na sala empilhava !

LUIZ NEVES.

29 de Julho de 88.

Durante a noite

AO ILLUSTRE LITTERATO SR. BERNARDINO VARELLA

E' noite, e noite estrelladissima.

O mar rendilha-se de ondas, o céo de nuvens rendilha-se !

Um ether suave, como o das manhãs de estio, pousa a medo no calix perfumante das flôres.

O orvalho em gôttas cahia-lhes nas petalás e as petalás em gôttas cahiam sobre a terra.

parecimento d'este bello paiz no gremio das nações cultas, os olhos scintillavam-lhe de fulgor, as faces incendiavam-se de febre, todo o seu ser palpitava de emoção extranha: aquella fronte magestosa parecia brilhar como se a cingissem raios de luz.

Valorosa e audaz como Joanna d'Arc, a joven sentia-se igualmente fadada para desempenhar sobre a terra uma missão providencial.

Depois de muitos encontros com os russos em Varsovia, a animosa polaca vio-se forçada a fugir para fóra da capital.

Na encosta de uma montanha, junto a profundo despenhadeiro, os insurgentes haviam construido o quartel;ahi accumulavam as munições e grande quantidade de armas apprehendidas em combates, provisões e polvora em abundancia.

Ahi fazia ella o seu baluarte. Conhecedora de invios caminhos, sabia astuciosamente livrar da morte os fieis companheiros.

Não pelejava em campo aberto; habil guerrilheira, aprasiavam-lhe as inesperadas e perigosas sortidas. Levou a confusão e o panico ao campo

As aves da noite, as fortes viajantes crusavam-se no espaço.

O gemido suave do cahir das folhas gens perdia-se nos ares.

Davam começo a uma forte orgia abysmo monstruoso, uns imbecis mãos, os gigantes do lupanar.

Puz-me a fical-a como quem fical-a uma visão radiosa.

Os crystaes eram repletos de «de vie» como uma dhalia é repleta de petalás.

O céo tornava-se limpido como um more d'um tumulto, o mar tornava-se brando como o vôo de uma ave.

Eis que surge do Levante a luz. Então, o céo tornou-se um grande paraíso !

A Natureza, de bruços nas portas lestiaes, ri-se p'ra humanidade.

A orgia tomava impulso...

Brincam, sorriem, saltam, não podem aquietar-se os monstros das salas.

Vibrava-lhes no craneo o sangue da vaidade, assim como vibra nos lumbos o clarão do sol posto.

A rir, cahe ebrio um homem, e o gelado chão começa a resonar, pôde como a lama, sujo como o farrapo.

Uma mulher doida, convulsa e impaciente, rasga as vestes da orgia: craneo enche-se de alcool, a alma e alcool banha-se.

Um canto sensual, musicas febricitantes soam n'aquelle abysmo: negro como a treva, grande como o espaço.

Os gallos acordam-se soluçando as costumadas canções.

A lua sóbe mais o throno do infinito. As aves não resonam, os ninhos não suspiram !

Perturbante continúa a orgia.

As sentinellas rondam-na, cumprem a lei: a lei é a razão, a razão é o castigo d'aquelles entes bestiaes que hãzem do lupanar um céo de glorias da virgindade a fonte da desgraça.

dos russos; em noite escura passar com os soldados por entre elles com a presteza do relapago, espalhando um chuva de balas — eis systema de combate de que Vanda sabia tirar partido.

O numero dos insurgentes crescia mais e mais.

A exaltação popular tinha attingido a seu augm.

O imperador, longe de aplacar a indignação dos opprimidos, exacerbava-a com uma nova serie de violencias: determinou que todas as reuniões publicas, por menos offensivas que se revelassem, fossem dispersas a ferro e fogo pela soldadesca brutal e mercenaria; imputou aos mizeros polacos os terriveis incendios que então se manifestavam em S. Petersburgo; prohibiu o uso da lingua nacional em todos os actos officiaes; fez fechar o importante palacio da Exposição Agricola e todos os estabelecimentos de instrucção, e para opprimir ainda mais a desgraçada Polonia, decretou-lhe um recrutamento militar severo, perseguidor, arbitrario, com o fim unico de arrastar para fóra do paiz todos os homens prestigiosos ou pela fortuna ou pelo talento.

2 ROMANCE DO "CREPUSCULO"

AS NOITES DE VERÃO

POR

DAMASCENO VIEIRA

Vanda

II

Quem era Vanda ?

Moça de aprimorada educação, pertencente a uma familia nobre da Lithuania, alma impressionavel a todos os grandes sentimentos, não trepidou em collocar-se á frente da revolução, que tinha por fim garantir a liberdade da Polonia.

Seis mil cidadãos tomaram armas e serviam sob suas ordens: ella os dominava pela belleza, pela coragem e pela fogosa eloquencia em estimular os animos.

Era impossivel ouvir-a sem commoção profunda. Quando falava na proxima emancipação da Polonia e desenhava com vivas côres o reap-

Uma mulher sentada, descansando das fadigas da dança, põe-se a cantar umas canções obscenas, profundas como um lago, feias como um sapo.

A luz da lua brilha por cima das escarpas.

Os fiscaes da orgia, os inconscientes homens, devassos, atôa, inuteis, ébrios despertam, cada vez mais, a estupidez lasciva; lançam a dignidade na valla do desprezo!

Os idiotas já não podiam abrir as guelias de aço ás gargalhadas infernaes.

O máo vicio é o carcere do homem!

Até que emfim os bandidos deram fim á orgia.

Sahiram do baile, libidinosos, com gestos provocantes e olhares insanos: tinham as faces brancas como marfim.

Os cynicos maldictos, os miseraveis cynicos, espancaram os seus proprios corpos: tinham por guia a mão crapulosa do escarneo que os levou no dia seguinte aos leitos dos hospitaes!

O máo vicio é o carcere do homem!

SABBAS COSTA.

Desterro—Agosto—2—88.

Lobo da Costa

Desappareceu d'entre os vivos aos 33 annos de idade, o malogrado poeta rio-grandense cujo nome encima estas linhas de que devia encarregar-se penna mais bem aparada.

Este pequeno trabalho rudemente feito, segundo uma noticia que li no jornal «A Reforma» de Porto-Alegre, de 23 de Junho ultimo, e transcripta por este jornal da «Patria», diz ter sido encontrado morto no dia 19 d'aquelle mez, junto a um vallo nas proximidades da Santa Cruz, este mavioso vate, que, na acepção da palavra, fazia extasiar a todo aquelle que lêsse suas bonitas poesias, tendo se verificado pelo exame ser a sua morte causada por congelação, isto devido ao intenso frio e chuva que cahio ao amanhecer d'aquelle dia. Parece incrível, na verdade, dizer-se que Lobo da Costa, na cidade de Pelotas, sua terra natal, onde ha civilisação e por ostentação talvez a caridade, porque esta é atirada aos quatro ventos, se deixe morrer um filho distincto, que não fazia corar de vergonha pela sua intelligencia a terra de seu nascimento, diante de outras onde, como ella, conta em seu seio filhos distinctos igualmente por sua illustração.

Mas de tudo isto não nos admira, porque essa caridade blasonada, esse oiro tão fallado de nada serve, e a prova é que elle não faz mitigar a dôr aos desvalidos da sorte, como o era o inditoso poeta, em nome d'esta mesma caridade; esse pouco gasto com tão distincto filho não apparecia, não era para ser applicado n'um festival para

bajular a monarchia, não era empregado em presentes para festejar algum jubileu do Papa, e todo bem apreçoado pelos jornaes diarios para conhecimento da velha Europa!

Mas este mundo é mesmo assim— para a opulencia toda a sorte de bajulação é pouca, e para os necessitados só grinaldas e poesias, e são essas as unicas cousas que, depois de morto, lhes atiram como por commiseração, para não dizer vaidade. E sirva esse facto de vergonha para aquellas que, como a heroica provincia do Rio Grande, contam tambem filhos distinctos, e ao morto uma lagrima de saudade lhe regue a campa, e a terra lhe seja leve.

Um admirador do finado.

Laguna, 23 de julho de 88.

PEROLAS DE OPHIR

Volta

Mata-me a sêde de te vêr... qu'importa O preconceito da sociedade? Desperta esta alma que parece morta, Mata-me esta saudade.

Ainda te quero tanto, Tanta é a esperanza de te vêr um dia, Que em cada gotta amarga de meu pranto Brilha o teu rosto como uma ardentia.

Que suave capricho o da esperanza! Como com os corações brinca e graceja! De qualquer homem faz uma criança Por mais velho que seja.

E' a bebida de Fausto Que o demonio propina... Ai! quem me dêra Poder tambem bebel-a, hausto por hausto, pela bocca da tua primavera.

Julgo ás vezes talvez, porque não ouço Da tua voz o timbre apaixonado, Que já estou mais velho do que moço E mais encarquilhado.

Mas, repentinamente, Sem que de todo estranho me pareça, Minb'alma como um beija-flôr contente De galho em galho a esvoaçar começa.

E gira e salta e versos improvisa, As pequeninas azas sacudindo, E pelos ares, ao sabor da brisa, Vae papeiando e rindo...

E quem ri e papeia Em vez de envelhecer, mais viço ganha, Porque o velho galgando um grão d'areia Julga que está galgando uma montanha.

Para levar-te pelo espaço acima Em rutilante, esplendida carruagem, Basta atrelar ao verso uma só rima E uma simples imagem.

Volta e terás os teus corceis fogosos, Ricamente ajaezados d'ouro e prata. Amplos palacios e jardins cheirosos Dentro de fluida e lucida cascata.

Nada como viver longe do mundo, Dos invejosos e dos detractores; Como tudo isto é pequenino e immundo Ao pé daquellas pequeninas flôres!

LUIZ MURAT.

Céo á fóra

AO POETA ARISTIDES COSTA

Na curvidade azul do páramo celéste onde o olhar da Sciencia anda a sondar arcanos e de onde a noite estende a constellada véste entre os prismas do sol ha muitos centos de annos;

lá pela vastidão, olympica e radiada onde o meu ideal sonha com meus amôres quando vem do Levante a loira madrugada como umbélla de luz a encher o céu de flôres;

lá n'esse etérno Azul tranquillo e sempre largo é que a minh'alma vae banhar-se de poesia: porque o mundo sempre é o mesmo mundo amargo, porque a terra não quer almas da cór do dia!

II

A nossa velha tóla, a antiga humanidade não sabe dar a mão aos martyres geniaes! —O dinheiro é o seu Deus, seu éden— a Vaidade, mais tréva do que luz em tórno... e nada mais!

III

E o que será de nós, ó Deus que a luz nos déste, se não fôrmos rasgando os claros oceanos da curvidade azul do páramo celéste onde o olhar da Sciencia anda a sondar arcanos?!...

CARLOS DE FARIA.

Laguna, 23 de Setembro de 87.

(Dos « Meteóros »)

Assim morreste

Era santa, era bôa e querida essa flôr do azul que murchou, em meus braços eu tinha essa vida, essa vida que Deus me levou.

Tão creança, tão tenra e corada como a flôr entre-aberta em botão vi morrer como morre a alvorada, bemdizendo da aurora—o clarão!

Quantas noites em claro passeio esperando essa sorte fatal, quanto pranto verti nem eu sei, em seu leito de virgem immortal!

Sempre firme qual forte guerreiro batalhei com a morte, a chorar, quando ouvi o seu ai derradeiro e seus olhos de mim se apagar...

E assim vi tombar no monturo essa pobre, innocente creança e com ella findar seu futuro e commigo morrer a esp'rança.

Pobre flôr azulada da aurora que tão cedo tombaste no chão, nunca mais te verei céu afóra, nunca mais beijarei tua mão.

E assim passarei essa vida
sem te vêr nunca mais a meu lado
sem te ter em meus braços pendida,
oh! meu Deus!—como sou desgraçado!

TIMOTHEO MAIA.

(Dos Cantos Matinaes)

Soneto

Iam, do céu no tremulo regaço,
Os astros em myriades cabindo,
E o sol ia no pelago immergindo
O sangrento perfil, traço por traço...

A treva e a luz topavam-se, fundindo
A noite e o dia em longo e estreito abraço
Este expirava, e aquella ia no espaço
O fusco manto pavorosa abrindo...

Cobri de minha luz as rubras furias,
As maldições, as guerras, as injurias,
E os sanguinarios dramas!—disse odia.

E a noite disse no seu tom magoado:
—Eu vou cobrir de trevas o peccado,
As saturnaes, o roubo, a hypocrisia!

RAYMUNDO CORREIA.

NOTICIARIO

AULA NOCTURNA

A' esta aula nocturna, utilissima á
instrucção popular, fundada ha 13 an-
nos pela Loj. Maç. Independ. em
Campinas, provincia de S. Paulo, foi
annexa, por uma commissão, uma bi-
bliotheca.

Fomos honrados com a seguinte cir-
cular:

«Campinas, 19 de Julho de 1888.—
Sr. Redactor do «Crepusculo».— Ha
treze annos a Loj. Maç. Independ. ao
valle de Campinas, fundou uma
aula nocturna, e, superando todas as
difficultades, conseguiu duante esse
tempo, dar a instrucção a centenaes
de pessoas.

No intuito de melhorar a aula man-
tida pela loj. a commissão abaixo
assignada, encarregada de organizar
uma bibliotheca annexa á mesma aula,
trata de augmehtar os livros e jornaes
para realisar tão elevado commetti-
mento.

A sua bibliotheca conta hoje em lí-
vros 5,000 volumes e cerca de 50 jor-
naes.

A commissão, certa de que V. não
se negará a associar-se a uma tão util
causa, vem pedir o jornal que V.
tão brilhantemente redige.— A com-
missão: Antonio Benedicto de Cer-
queira Leite — Dorindo Prado—Jo-
aquim Ignacio de Oliveira Leite — João
de Oliveira Fagundes— Paulino Muniz
— Sebastiano Sampaio — Dr. Augusto
Ribeiro de Loyola— Antonio Procopio

de Oliveira—José Henrique Dias —Jo-
seph James Sims. »

Agradecendo essa prova de conside-
ração dos illustres cidadãos, declara-
mos-lhes que mandaremos o nosso mo-
desto jornal.

ALBUM DE PARABENS

No dia 1º do corrente completou 56
annos de idade o respeitavel poeta des-
terrense Sr. Bernardino Varella, ex-
cellente pai de familia e cidadão de
um conceito sincero e digno.

Bernardino Varella, esse talento col-
lossal, esse poeta fecundo e exponta-
taneo é por todos nós muito admirado
e apreciado.

Portanto ao distinctissimo poeta que
com satisfação nos tem dispensado a
sua importante coadjuvação litteraria,
desejamos uma vida cheia de venturas
e satisfeito no seio de sua estimada e
exma. familia.

— Completou no dia 2 do corrente
21 primaveras a Exma. Sra. D. Maria
E. Travassos da Costa, motivo porque
a saudamos cordialmente.

— Mais um anno marcou n'aquelle
dia o tempo na vida do muito concei-
tuado e criterioso cidadão, o Sr. Dr.
Augusto Fausto de Souza Junior, di-
gnissimo inspector das Terras e Colo-

nização d'esta provincia, moço que
respeitosamente apreciamos pelos seus
optimos predicados.

A' S. S., pois, que nos tem obsequi-
ado com a sua digna coadjuvação, cor-
dialmente saudamos, desejando-lhe
que a sua vida enflorêsca-se de riso-
nhas primaveras e de muitas felici-
dades.

Da nossa respeitabilissima collabo-
radora que nos tem honrado com os
seus apreciaveis escriptos, a Exma.
Sra. D. Alice de Alencar, residente na
côrte, recebemos uma bellissima var-
riedade dedicada ao digno poeta Car-
los de Faria, tambem nosso collabora-
dor, em prova de gratidão ao soneto
que ha tempos publicámos, que lhe
offerecera o poeta.

Agradecemos sinceramente mais esta
nota de apreço e honra que a illustre
escriptora nos dispensa.

Acha-se entre nós, vindo no dia 29
do mez findo, o nosso distincto amigo
Durval José Fernandes.

Contentes abraçamol-o.

Para Monteví éo partio no dia 29
do passado o nosso distinctissimo con-
terraneo João Balbino da Silveira.

Muitas prosperidades.

Chegou no mesmo dia da côrte o Sr.
José Maria Antunes Ramos, ao que
cumprimentamos pelas suas optimas
qualidades.

A'S CLASSES GRAPHICAS DO BRAZIL

Da Revista Typographica, da côrte:

«Como promettemos, brevemente com-
çaremos a publicar na secção—Fragmen-
tos—a traducção da importante obra—
Definição da Imprensa.—

A publicação deste trabalho será feita
acompanhada de suas numerosas gravu-
ras.

Nesta obra collaboram os melhores au-
tores francezes: Daupley Gouverneur,
Theotiste Lefevre, Paulo Dupont, Leon
Vidal, etc., etc.

Os principaes capitulos são:

1ª PARTE

Definição da Imprensa—Biographia dos
inventores—Vulgarisação e proveito, etc.
etc.

2ª PARTE

O livro—A fundição—A composição—
revisão—A impressão—A molhagem do
papel—A stereotypia e galvanoplastia—A
gravura—A encadernação, etc., etc.

Aos typographos de todas as partes do
Brazil, que desconhecem os mais impor-
tantes processos de sua arte, proporci-
onamos meio facil de familiarisarem-se com
os mesmos processos, publicando essa mo-
numental obra typographica; citando os
nomes das autoridades que nella collabo-
raram, é ocioso encarecer seu merecimen-
to e utilidade. A publicação dessa obra
torna-se assas dispendiosa pela grande
quantidade de gravuras que contém. Nós
esperamos das classes graphicas brazileiras
o apoio financeiro indispensavel para, com
mais facilidade, desempenharmos nos do
compromisso, que ora tomamos.

Acreditamos que pela miaguada quantia
do custo da assignatura de nossa folha, os
artistas graphicos do Brazil não deixarão
de possuir uma obra relativa á sua pro-
fissão, e que muito lhes pôde aproveitar.

Aos nossos collegas da imprensa, prin-
cipalmente das provincias, pedimos a fine-
za de tornarem conhecida dos typogra-
phos esta noticia, trancrevendo-a em suas
folhas se possivel fór.»